

## EXCLUSÃO SOCIAL NO ÂMBITO ESCOLAR: COMBATENDO O PRECONCEITO

Cynthia Maria Bindá Leite<sup>1</sup>; Antonio Carlos da Costa Leite<sup>2</sup>; Silvia Moreira de Souza<sup>3</sup>;  
Márjorie Bindá Leite<sup>4</sup>; Heloísa Helena Corrêa da Silva<sup>5</sup>.

*Universidade Federal do Amazonas-Ufam, E mail: cynthialeite@seduc.net; leite.pastor@gmail.com;  
smoreirasouza@hotmail.com;leitemarjorie@hotmail.com; hhelena@ufam.edu.br*

**RESUMO:** A ausência da discussão sobre sexo e gênero na escola resultará na exclusão de alguns grupos que sempre lutaram pela legitimidade dos seus direitos. Este estudo abordará a educação no sentido de ser ela um dos pilares principais para a construção social de homens e mulheres e dessa forma, apresenta-se com um caráter interventivo na sociedade, podendo ser positiva ou negativa sua atuação. Nesta direção, buscam-se traçar elementos que tem caracterizado os desafios postos ao trabalho docente, sobretudo a partir das ações emergidas pela construção social de cada indivíduo que pertence ao meio educacional. Nesse cenário, entra em pauta o preconceito pela falta de compreensão sobre o significado de gênero e sexo e os papéis algumas vezes distorcidos e preconceituosos, dos homens e mulheres, em uma sociedade construída por uma visão binária de determinação sexual. Os pontos de discussão serão: A questão do real significado de Gênero e Sexo, a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres perpassando pela escola e emergindo na sociedade, o micro espaço da sala de aula como campo de exclusão, um mapeamento sobre a construção do gênero e do sexo como construção histórica. A partir de revisão bibliográfica, contemplando autores de renome na área de estudo, sendo que em detrimento do pouco espaço para discussão, contemplaremos apenas alguns, explanaremos sobre as questões referentes ao gênero e o sexo, perpassando brevemente (por ser um campo amplo de debate) pela sexualidade. Por meio do estudo em pauta chegamos à compreensão de que à vulnerabilidade de grupos excluídos do processo educacional tem como base o preconceito e a exclusão social gerado muitas vezes no espaço escolar emergindo a necessidade de um repensar o sistema Educacional e as práticas pedagógicas.

**Palavras-chave: Gênero, Sexo, Exclusão.**

<sup>1</sup> - Doutoranda em Sociedade e Cultura pela Universidade Federal do Amazonas, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Amazonas, Pedagoga, Psicopedagoga e Coordenadora do Programa Brasil Alfabetizado-Seduc/Am.

<sup>2</sup> ...Mestre em Ciências do meio ambiente pela Universidade Federal do Amazonas, Professor visitante da Universidade do Estado do Amazonas, Formado em Administração pela Universidade Federal do Amazonas, Pastor Presidente da Missão Confins da Terra- MCT/ AM;

<sup>3</sup> ...Pedagoga, Pós-graduanda em Ciências da Religião, Pastora de Crianças e adolescentes da Missão Confins da Terra- MCT, Analista judiciária pelo TRT;

<sup>4</sup> ...Pós-graduanda em Segurança do Trabalho, Engenheira Química, Representante do Movimento Eu Escolhi Esperar na Região Norte, Idealizadora do Movimento Entre Príncipes e Princesas, Especialista no Trabalho de Aconselhamento com adolescentes e Jovens no Estado do Amazonas e pela MCT- Missão Confins da Terra;

<sup>5</sup> ...Orientadora da autora principal e coautora do artigo, Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil (2001). Professor Adjunto 4 da Universidade Federal do Amazonas, Brasil.

## INTRODUÇÃO

O estudo em pauta traz como objetivos refletir e analisar sobre as consequências desastrosas quanto à ausência de informação sobre gênero e sexo na escola e conseqüentemente a contribuição para a construção do preconceito, desigualdade e exclusão social no meio escolar. Essa discussão perpassa por quatro momentos: a) os conceitos de Gênero e Sexo que são usados não raras vezes, erroneamente, sendo necessário o esclarecimentos, b) A separação de homens e mulheres em sala de aula como representação de uma herança ocidental c) A Exclusão social no meio educacional mediante a implantação e implementação de políticas educacionais, d) A importância da discussão sobre gênero e sexo na escola como contribuição para o reconhecimento de igualdade entre todos os grupos, e, principalmente entre os excluídos pela própria implantação e implementação das Leis Educacionais.

Torna-se fundamental para o combate ao preconceito e discriminação, uma visão ampla da questão dos fatores que levam a exclusão provocada pelo preconceito (não desprezando outros fatores) dentro do próprio cenário educacional.

A escola precisa abrir para o diálogo e ter claro em sua concepção que Gênero é um assunto que deve ser explanado e debatido. Deve-se trabalhar o conceito não como sinônimo de sexo, nem de orientação sexual, mas como “construção social”. A questão da visão preconceituosa desencadeará também a desigualdade entre homens, mulheres e pequenos grupos, excluídos pelo sexo de nascimento, sendo necessária uma postura ética para evitar o preconceito e isso inclui homens e mulheres, com direitos sem equivalência. De acordo com Louro (2003, p. 25)

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e um dado momento histórico.

Como afirma o autor, há todo um processo de construção de cada pessoa e as desigualdades sociais são construídas ao longo de suas histórias através da própria educação provocando preconceitos e exclusão social. Os papéis que homens e mulheres exercem na

sociedade refletirão sua autoimagem, e não há como desvincular sua construção social. Ela é intrínseca à sua formação humana. A obrigatoriedade de definição diante da sociedade já predispõe ao preconceito sexual e gerará o preconceito. Sobre isso, Scott (1988) analisa que é impossível a compreensão da sociedade sem preconceito com a lógica de dominação e submissão baseadas nos valores dos homens na sociedade e valores das mulheres na mesma sociedade, pois há visível desigualdade. A sociedade é ampla. O fato de alguém nascer no sexo feminino ou masculino não definirá a sua história, mas a sua ação na sociedade fará toda a diferença.

## **METODOLOGIA**

Por meio de pesquisa bibliográfica procuraremos à luz de autores como Louro (2003), Scott (1988) e Simone Beauvoir (2008), dentre outros não menos relevante, expor quanto às consequências de uma visão errônea sobre a construção do Gênero ligado ao papel do homem e da mulher baseados no sexo. Optou-se por revisão bibliográfica, por ser à base de qualquer pesquisa científica. Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266),

a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica.

Considerando os pressupostos metodológicos de autores que contribuíram com a ideia de Boccato (2006), os autores Meadows (1999), nos encaminha ao caráter aglutinador da busca do conhecimento, em outro nível de reflexão, Maia e Caregnato (2008), ressalta a capacidade de inovação inerente a essa busca, e Barros (2000, p. 5), afirma que “fazer ciência hoje significa compreender e partir de mecanismos simples para os mais complexos”. Ainda conforme Schwartzman (2001) que defende a construção do conhecimento por meio de um acervo de conhecimentos acumulados, enriquecido, transformado e reestruturado, o que vai importar é a integração própria de cada campo.

Conforme Valente (2003, p. 98), fazer ciência “é o que cada indivíduo constrói como

produto do processamento, da interpretação e da compreensão de uma informação”. A pesquisa bibliográfica empreenderá envolvimento, dedicação e uma estrutura coordenada de ações sendo, portanto de fundamental importância antes da elaboração ou desenvolvimento de um artigo ou outro tipo de pesquisa.

A importância do traçado de uma linha de condução que permita identificar e manusear as fontes de informações com sabedoria em busca da informação desejada será sempre a meta de um apanhado bibliográfico. Assim prosseguiu-se esse estudo com base na maior relevância do tema. Com convicção entende-se que não há como esgotar um tema tão complexo, mas pretende-se fomentar a importância da discussão nas escolas, universidades e sociedade.

A análise sobre diversos pressupostos de autores que pesquisam sobre o processo de construção humana e o cenário da escola, tendo como um dos pontos de análise a sala aula, levou ao descarte teórico de alguns pontos de opinião, assim como foi possível considerar os de maior relevância para este estudo. Assim, os que privilegiaram um olhar de maior compreensão sobre a importância da discussão sobre gênero e sexo na escola e na comunidade escolar foram elencados para o estudo em pauta.

## **1.RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **1.1 GÊNERO E SEXO, TERMOS PARECIDOS, SIGNIFICADOS DIFERENTES.**

A discussão sobre a construção do gênero torna-se inevitável no universo escolar, pois a falta de entendimento continua latente quanto à formação do homem e da mulher enquanto pessoas detentoras de direitos e deveres iguais, mas com construções diferentes, contudo, a derrota que a chamada (preconceituosamente) de “ideologia de gênero” sofreu no Congresso Nacional em junho de 2014, as lutas que tem perdido nas câmaras municipais e assembleias legislativas contribuem para o aumento do preconceito na escola.

A proposta seria um caminhar distinguindo valorizando a constituição social de cada aluno. De acordo com Corrêa (1994), sexo refere-se às características biológicas de homens e mulheres, ou seja, às características específicas dos aparelhos reprodutores femininos e masculinos, ao seu funcionamento e aos caracteres sexuais secundários decorrentes dos hormônios e gênero significa às relações sociais construídas por cada ser humano.

É o resultado dessa compreensão errônea da construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais, que gerará diversas vezes a desigualdade de

oportunidades, o que discutiremos a seguir. A partir dos conceitos pré-estabelecidos, surgem às construções históricas do preconceito existente na sociedade desde os primórdios.

O conceito de gênero ganha força com o debate que desvendava em parte, a opressão que as mulheres sofriam e ausência de igualdade de direitos em relação aos homens. Para Louro (2004) o conceito gênero está interligado ao contexto de lutas feministas, e a partir de 1960, com a segunda onda do feminismo atinge maior notoriedade.

Para essa autora (ibidem), haverá uma ligação mais consolidada com a militância política e com às produções científicas. O termo gênero estará sempre acompanhado a necessidade de reconstrução. Aqui se ressalta a necessidade de compreender a construção dos comportamentos de homens e mulheres historicamente, levando em consideração seus determinantes políticos, econômicos, culturais, entre outros.

De acordo com Louro (2003 pág. 22) o conceito de gênero pretende

recolocar o debate no campo do social. (...) As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (...), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. (...) é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros.

Ainda conforme a contribuição da autora, o assunto deve ser compreendido, debatido, estudado analisado dentro e fora da sociedade principalmente na comunidade escolar e que sem essa compreensão não haverá como combater o preconceito e a discriminação, por serem características determinantes da constituição humana. A escola precisa abrir para o diálogo e ter claro em sua concepção da constituição do Gênero.

## **1.2 PELA IGUALDADE DE DIREITOS NA ESCOLA**

O sexo do nascimento do indivíduo não poderá determinar sua representação na sociedade, mas todo um processo pelo qual construirá no decorrer da sua história e isso não deve equivaler à superioridade ou inferioridade. A igualdade de direitos deve ser prioridade em todos os locais e principalmente no espaço escolar.

Na questão da construção do ser humano Simone de Beauvoir (2008) impactava os meios intelectuais há mais de 50 anos atrás com a frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 2008, p. 19). A expressão revolucionou o mundo. Igualdade de gêneros significa que homens e mulheres são iguais perante a lei e a sociedade. É a base para a

construção de uma sociedade livre de preconceitos e discriminações.

Considerando que deverá haver igualdade de direitos, estereótipos não devem interferir nos valores que homens e mulheres possuem, as oportunidades devem ser igualmente concedidas para todos os gêneros, sem haver diferenciação pelo fato do sexo do nascimento.

Corroboramos com a ideia de Beauvoir (2008) acrescentando que ninguém nasce homofóbico, preconceituoso ou agressor de mulheres, e é o meio em que vive um dos grandes vilões para essa formação. Se na escola ele é levado à agressividade e a ser homofóbico, conseqüentemente haverá falta de sensibilização e desrespeito a construção de sua própria identidade e do outro. A escola deve ser a promotora da igualdade de direitos em todos os sentidos.

Como exemplos da desigualdade de direitos na sociedade podemos citar: Homens e mulheres lutando pelo direito a mudança de nomes, muitas mortes por preconceito, violências e morte envolvendo mulheres, lésbicas, transexuais, bissexuais ou travestis. Isso significa que há um grupo que se declara superior e inferioriza outro.

A reflexão aqui proposta não é a favor de que a escola ensine crianças e adolescentes a serem gays (como se isso fosse possível) ou que ensinem sexo de maneira inapropriada, uma bandeira a favor ou contra o aborto, mas que compreendam e trabalhem o processo de construção do ser humano e que deve ser levado em conta o rico universo de valores pertencentes a cada ser humano. A escola deve ser espaço democrático e inclusivo, onde os indivíduos aprenderão a conviver com as diferenças respeitando e valorizando.

O espaço pedagógico deve propiciar aprendizagem sobre sexo, gênero e sexualidade, destacando que há uma ultrapassagem da natureza biológica, homens e mulheres podem exercer as mesmas funções sem discriminação. O respeito mútuo deve ser função fundamental iniciando na família, perpassando pela escola e a sociedade como um todo.

### **1.3 A SALA DE AULA COMO PALCO DA EXCLUSÃO SOCIAL**

A sala de aula é reconhecida por existirem alunos e isso é sempre mencionado no plural e no masculino. A discriminação sofrida pelos sujeitos na escola, em todas as áreas, ocorre também e sucessivamente no micro espaço de sala de aula, varia desde a arrumação das fileiras de meninos e meninas, às aulas de educação física, a escolha da profissão, dentre outras.

A discussão sobre gênero na sala de aula torna-se fundamental, haja vista as diferentes



identidades que permeiam o micro espaço escolar. Algumas atitudes comportamentais tomadas por meninos e meninas em determinadas ocasiões devem ser entendidas e analisadas pelos educadores sem visão ingênua, porém com o objetivo de promover ações que visem à igualdade para todos.

Para o sociólogo francês, Émile Durkheim (2003), em cada aluno há dois seres inseparáveis, porém distintos. O primeiro o individual - formado pelos estados mentais de cada pessoa e o segundo, um sistema de ideias que exprimem intrinsecamente a sociedade de que fazem parte cada pessoa.

Ainda de acordo com Durkheim (2003) que define o processo educativo da seguinte forma, “a educação é uma socialização da jovem geração pela geração adulta” (p.36), o autor destaca que o ser humano não é alguém isolado, mas é também a sua representação social. Um olhar homogêneo na constituição do aluno levará a exclusão considerando a construção individual e social de cada indivíduo.

Considerando os vários tipos de sujeitos em sala de aula, ou seja, calmos, agitados, amigos, individualistas, dentre outras características de um universo misto, entra em cena a questão do gênero. Geralmente meninas demonstram mais calma que os meninos, mas, por que destacamos esse pensamento ora expressado? Será que a menina foi ensinada pela própria sociedade a um comportamento de “mulher”? E por que o homem pode ser explosivo e a mulher precisa ser recatada?

Numa escola particular do Estado do Amazonas, alunos de 2ª série do Ensino Fundamental, numa turma de 18 alunos, sendo dez meninas e oito meninos, observou-se que o grupo de meninos conversava muito durante a aula. O grupo de meninas era calmo, participava da aula tinha postura calma, concentrada e atenciosa. Quando a professora chamava os pais dos meninos para conversar sobre o comportamento ouvia dos pais: “é normal como todo menino”. Outra característica impressionante era que na hora do recreio as meninas se misturavam com os meninos e se divertiam brincando, pulando, gritando, nem parecia às mesmas de sala de aula.

De acordo com os PCNs (1998), a questão do gênero se dá pelo preconceito quanto à forma diferenciada de tratamento para meninos e meninas e isso perpassa pelos padrões socialmente estabelecidos de feminino e masculino. Na sala de aula, os professores devem estar atentos ao comportamento (preconceituoso) de cada aluno entendendo que ele é reflexo de sua constituição.

Não é por ser agitado ou calmo que o aluno demonstrará que tem uma má conduta ou

boa conduta, pelo contrário, esse comportamento é demonstrado por padrões muitas vezes repassados pela sociedade em que o aluno convive. É dever da escola a educação para a vida também, para construir a sua própria autonomia.

O desafio ao modo de pensar de cada aluno é uma proposta Piagetiana que leva também ao desenvolvimento da afetividade. De acordo com Piaget (2003), essa proposta depende de uma série de “energia motora” e a afetividade nos leva ao respeito mútuo a família, a escola, aos amigos, ao círculo de convívio em geral e só assim a escola conseguirá igualar os direitos e conquistar a tão almejada igualdade de direitos. Essa nova visão deverá contribuir também para a construção de valores com respeito ao outro e a todo tipo de diferença dentro e fora de sala de aula.

#### **1.4 GÊNERO, SEXO, IGUALDADE DE DIREITOS E EDUCAÇÃO: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA.**

Em meados do século XX, a luta pela igualdade de gênero se intensificou tendo como base o movimento feminista. A francesa Simone de Beauvoir (2008), como exposto acima, marcou a consolidação de uma nova etapa do Feminismo com a publicação do livro “O Segundo Sexo” publicado em 1960. A intenção do feminismo não era somente a integração das mulheres na sociedade, mas buscava a igualdade de direitos em todos os seus aspectos, como isso aconteceu num período pós-guerra foi muito criticado e a autora vista com um olhar preconceituoso pela sociedade.

Apesar dos avanços quanto à questão do entendimento sobre gênero e sexo, a visão preconceituosa está estereotipada na sociedade, pequenas situações do cotidiano indicam a discriminação preconceituosa, como exemplo: tarefas de homens e tarefas de mulheres, as meninas são sempre as responsáveis em lavar a louça, lavar a roupa, dentre outras tarefas do lar, enquanto os homens vão assistir futebol na televisão, descansar e isso considerado normal (perante a sociedade preconceituosa) entre os papéis de cada um.

O objetivo das políticas públicas deve ser promover essa discussão a partir da escola e em todos os meios sociais, elevando um nível de discussão sobre o respeito e o valor às diferenças, promovendo debates envolvendo a sociedade e principalmente a escola. A discussão sobre a construção do gênero torna-se inevitável.



A confusão quanto às diferenças entre gênero e sexo, bem como, a ação das escolas ao corroborarem com algumas famílias para retirar o texto sobre a construção social de cada indivíduo tem contribuído para o aumento do preconceito e conseqüentemente com a exclusão sócias dentro e fora da escola.

Gênero, como dito anteriormente, não pode ser entendido como sinônimo de sexo, nem de orientação sexual, mas como “construção social”. A questão da visão preconceituosa desencadeará também a exclusão de homens e mulheres na sociedade, sendo necessária uma postura ética para evitar o preconceito. De acordo com Louro (2003, p. 25)

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir,efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e um dado momento histórico.

A educação para a conscientização das pessoas sobre a importância da igualdade entre gêneros para o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária e democrática deve estar presente desde os primeiros anos de vida da criança.

## **A GUIA DE CONCLUSÃO**

Considerando o estudo desenvolvido, o preconceito gera a exclusão dentro e fora do meio escolar. A Educação é um dos pilares principais para o combate ao preconceito e para valorização da construção de cada ser humano na sociedade. A escola pode e deve atuar como interventora positiva promovendo o debate junto à comunidade escolar. O trabalho docente será de fundamental importância, porém os professores também trazem consigo um conjunto de conhecimentos e construções próprios do meio em que vivem, por isso faz-se necessário os momentos de discussão discente e docente.

A construção do gênero e o sexo de nascimento não pode ser campo de batalha em nenhum local e em especial na escola. Homens e mulheres são iguais perante a Lei e isso é fato. Não podemos deixar que a construção histórica e preconceituosa que deixou camadas da sociedade excluída, em especial as mulheres, por muitos anos continue a prevalecer. A vulnerabilidade dos grupos excluídos da sociedade tem como base o preconceito que muitas vezes toma força no próprio meio gerando com

isso a exclusão social.

Não basta ser contra o preconceito, a escola precisa gerar mecanismo para bani-lo do meio educacional e assim construir-se-á uma sociedade mais humana e rica em todas as áreas. Todos têm direito ao desenvolvimento de suas potencialidades independente do sexo de nascimento ou se são homens ou mulheres. Os valores de cada ser humano deve superar todo e qualquer preconceito.

## REFERÊNCIAS

BARROS, P. M. F. **Do simples ao complexo em Fonoaudiologia**. Rev. Symposium, Lavras, v. 4, p. 5-19, 2000.

BEAUVOIR, Simone de. – **O segundo sexo**. Vol.2. Lisboa: Bertrand Editora, 2008.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CORREA S. y R. Petchesky. “**Reproductive and sexual rights: a femenist perspective**”, en G. Sen, A., Germain y L. Chen (eds.) Population Policies Reconsidered (Health, empowerment and rights), harvard University,1994. pp. 107-123.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3° ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAIA, M. F.; CAREGNATO, S. L. Co-autoria: indicador de redes de colaboração científica. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 18-31, 2008.

MEADOWS, A. J. A. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: 1998.

SCHWARTZMAN, S. **Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica**



no Brasil. Brasília: Ministério de Ciência e Tecnologia, 2001.

VALENTE, J. A. Educação à distância no ensino superior: soluções e flexibilizações. **Interface – Comunic., Saúde, Educ.**, Botucatu, v. 7, n. 12, p.139-148, 2003